

'EXPOSIÇÃO' DAS IDENTIDADES: Táticas e Práticas Cotidianas em uma Feira Livre de Foz do Iguaçu

CLEIDE RAUPP

FÁBIO AURELIO DE MARIO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DINÂMICA DAS CATARATAS (UDC)

‘EXPOSIÇÃO’ DAS IDENTIDADES: Táticas e Práticas Cotidianas em uma Feira Livre de Foz do Iguaçu

1 INTRODUÇÃO

O cotidiano, na administração, são perspectivas sociais construtivistas, considerando a identidade organizacional, como socialmente construída em relações realizadas coletivamente (Carrieri, Paes de Paula & Davel, 2008). Segundo Cabana e Ichikawa (2017), a questão de identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Para Souza e Silva (2009), o jeito de viver humano é por meio do trabalho, onde os valores, com os quais os homens produzem e transformam coisas e ideias, decidem o que é e o que não é importante e organizam as relações, criando regras para a vida social.

Segundo Callai (2008), qualquer feira tem seus objetivos, seja esta promovida por empresa profissional ou por iniciativa de uma comunidade, de uma prefeitura ou de uma instituição. O feirante com suas crenças e manias diárias busca se adaptar em um grupo, se adequar às regras mantendo sua essência, sobressaindo-se não apenas mais um em meio a tantas outras opções que o mercado dispõe (Certeau, 1994). Nosso objeto de estudo é a Feira Livre das Nações de Foz do Iguaçu. Essa ‘ferinha’¹ está situada na Rua Arquiteto Décio Luiz Cardoso - trecho da pista da Av. Juscelino Kubitschek (JK) -, seu funcionamento é aos domingos no horário compreendido das 5 às 13 horas. Possui o maior número de feirantes ativos (cerca de 180 feirantes), sendo assim a mais antiga e maior da cidade, entre os feirantes destaca-se a multiculturalidade formada por Brasileiros, Argentinos, Japoneses, Italianos, Índios, Paraguaiois, (Redação dada pela Lei nº 3451/2008).

Todos os locais que as feiras realizam suas atividades, tem apoio logístico da Prefeitura Municipal da cidade, como: fechamento da rua e cavalete, 4 Banheiros Químicos, Guarda Municipal Foztrans, Limpeza e conservação. Os feirantes apresentam produtos de Artesanato, como: trabalho em cerâmica, trabalhos em madeira, tapetes (tecido/crochê), panos pintados bonecas de pano, quadros pintados, produtos de beleza como cremes e hidratantes, Bijuterias (pulseiras/brincos artesanais), brechó. Em alguns domingos há também a exposição de cachorros para doação. Para Vedana (2013) ser feirante relacionado diretamente com os laços sociais e econômicos em que ele se relaciona em suas práticas cotidianas durante a semana se preparando até o dia da realização da feira para agregar seu conhecimento como feirante estimulando a prosseguirem nesse trabalho.

Dessa forma, nos despertou interesse em aprofundar na compreensão do cotidiano e a identidade dos feirantes. Logo o objetivo central é: compreender como as práticas e táticas cotidianas são desenhadas pelos os expositores de uma Feira Livre em Foz do Iguaçu.

Justificamos a importância da pesquisa sobre o tema, conforme mencionam Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018), o cotidiano organizacional, torna-se relevante sobre várias identidades que formam uma organização, que interagem entre elas dando lugar a uma hierarquia, por meio das relações de poder. Assim, acreditamos que é importante pensar no cotidiano na organização, a partir das formas diversas de se organizar.

¹Feirinha: Utilizamos esse termo no diminutivo para retratar o comércio realizado, normalmente a céu aberto, agrupando muitos comerciantes em Foz do Iguaçu, a Feira das Nações, referindo-se em uma expressão utilizada pelos moradores de Foz do Iguaçu ou chamada de Feirinha da JK.

Esse artigo foi organizado nos seguintes capítulos, além dessa introdução. O capítulo 2, trata do referencial teórico de nosso artigo abordando a identidade organizacional, o trabalho e suas formas, cotidiano na perspectiva Certeuniana, da qual destacamos as táticas e práticas de resistências, abordamos o conceito de feiras e feirante. O capítulo 3 descreve nossos procedimentos metodológicos. O capítulo 4 apresenta nossos resultados desse estudo. Por fim, o capítulo 5 são as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Identidade Organizacional

É na convivência com outro e diante do outro, diz Bessa (2016), que a identidade é revelada, assim a identidade pessoal (percebe o que há de comum) e se diferencia do outro. Segundo Cabana e Ichikawa (2017), a questão de identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006). Para Pereira Locatelli, Oliveira e Cavedon (2014), uma criação humana: ao tentar satisfazer suas necessidades, o homem produz os meios dessa satisfação, e com isso transforma o mundo natural e a si mesmo. Por meio do trabalho instaura relações sociais, cria modelos de comportamento, instituições e saberes.

Bessa (2016), argumenta que a identidade cultural, cria aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Dessa forma no pensamento de Pettigrew (1996), as tendências são demasiadamente recentes e ambíguas, pois o próprio conceito com o qual lidamos “identidade” é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser posto à prova.

Portanto, são os elementos culturais, que constituem o patrimônio cultural dos indivíduos a elas pertencentes, não se sintonizam dinamicamente com a cultura tomada como um sistema ou como um todo orgânico e por isso deixam de refletir integralmente a evolução cultural da sociedade para sua identidade.

Toda identidade vivenciada na interação do homem com outros homens à grandes chances da mudança, pois o homem em si, tem uma natureza de fácil adaptação de mudanças a qualquer situação que possa vivenciar, pois a cultura, enquanto elemento de sustentação da sociedade e patrimônio dos sujeitos que a constituem e está precisa ser preservada e transmitida exatamente porque não está incorporada ao patrimônio natural. O contexto da identidade organizacional advém da compreensão do trabalho enquanto satisfação e relações sociais (Freinet, 1998).

2.2 Trabalho

A palavra trabalho vem do vocábulo latino *tripaliare*, do substantivo *tripalium*, aparelho de tortura formado por três paus, ao qual eram atados os condenados, ou que também servia para manter presos os animais difíceis de ferrar. Daí a associação do trabalho com tortura, sofrimento, pena, labuta, mas para muitos trabalho é prazer, faz parte da vida.

Segundo Gerencer e Gerencer (1984), o trabalho é o meio da democratização da sociedade, qual deve priorizar a compreensão da natureza prática que eleva o ser humano da condição de desigualdade para igualdade possível. Diz Freinet (1998) com o trabalho que o homem tenta satisfazer suas necessidades, o homem produz os meios dessa satisfação, e com isso transforma o mundo natural e a si mesmo, pois por meio do trabalho instaura relações sociais, cria modelos de comportamento, instituições e saberes.

Para Lima (2002), o homem também é necessário buscar o aperfeiçoamento para o trabalho, onde só é possível pela transmissão dos conhecimentos adquiridos através das gerações, bem como pela assimilação dos modelos de comportamento valorizados pelas escolas. É a educação que mantém viva a memória de um povo e das condições para a sua sobrevivência profissional.

A educação é fundamental para a humanização e socialização do homem no trabalho, pois dá nova visão e supõe a possibilidade de rupturas pelas quais a cultura se renova e o homem faz a história, (Aranha, 1989). Na concepção de Neves, Nascimento, Felix, da Silva, & Andrade (2018), em cada sociedade a estrutura da organização do trabalho configura de modo peculiar o processo educativo, a tarefa da educação escolar. A sociedade capitalista se caracteriza por ter sua organização sustentada numa contradição básica, àquela que se dá entre capital e trabalho, e que provoca a divisão de seus membros em duas classes antagônicas: a classe burguesa e a classe trabalhadora.

Quando em uma sociedade aparecem segmentos dominantes que exploram o trabalho humano, como no caso da escravidão, da servidão, ou mesmo quando para sobreviver, o homem livre precisa vender sua força de trabalho em troca de um salário, estamos diante de situações em que o homem perde a posse daquilo que ele produz. O produto do trabalho é separado, alienado de quem o produziu no seio do cotidiano (Lafer, 1997).

2.3 Cotidiano

As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos mais elementar do ser humano, sendo esquemas de operações e manipulações. A partir de algumas análises recentes e fundamentais de alguns autores: (Foucault, Bourdieu, Vernant e Detienne) é possível, senão defini-los ao menos precisar melhor o seu funcionamento em relação ao discurso (ou à “ideologia”, como diz Foucault), ao adquirido (o habitus de Bourdieu) e a esta forma do tempo que é a ocasião (o kairós de que falam Vernant e Detienne). Maneiras de balizar uma tecnicidade de tipo particular e ao mesmo tempo situar o seu estudo em uma geografia atual da pesquisa (Certeau, 1994).

E em Certeau (1994), a invenção do cotidiano, cujos dois tomos escritos em colaboração permitiram que “a pesquisa se pluralizasse” e que “vários passantes se cruzassem”, sem erigir um lugar próprio nem acumular um tesouro cuja propriedade de guardariam. Pelo contrário, “esse entrelaçamento de percursos, muito ao invés de constituir um fechamento, prepara, assim espero, nossos caminhos para se perderem na multidão”.

Essas “maneiras de fazer” quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural, de acordo com Certeau (1994, p. 40):

Elas colocam questões análogas e contrárias as abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas”, articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano: contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são

assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância”.

Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina e pode-se supor que essas operações multiformes e fragmentarias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos de usar, e, portanto, desprovidas de ideologias ou de instituições próprias, obedecem a regras. Em outras palavras, deve haver uma lógica dessas práticas, pois isto significa voltar ao problema, já antigo, do que é uma arte ou “maneira de fazer” (Certeau, 1994).

Portanto, o foco do cotidiano da sociedade concentra-se em fortalecer a culturas, as pessoas e as organizações para ampliar seus aportes, na direção do desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida de todos que os cercam.

Numa visão ampla, cotidiano são vivências rotineiras que todos os humanos realizam no ciclo de sua vida. Assim olhando para o passado do cotidiano das administrações e que pode-se projetar o futuro de novas administrações. Esses homens ordinários que ocupam espaços em lugares múltiplos em termos identitários, mesmo que mínimos em termos de espaço físico.

O cotidiano e a história nas organizações percebem-se que, estes temas deparam-se intensamente entrelaçados, pois neste cotidiano, onde a vida é vivenciada, de momento a momento, ocorre os episódios simples e grandiosos, e é este cotidiano do período presente que une ao passado e ao mesmo tempo ao futuro. Assim para Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018), os estudos organizacionais não podem parar na visão do passado, deve ser projetado em conjunto, do passado com o presente, pois a memória da história abre possibilidades para se tratar de história da organização, mas das histórias no plural, visto que são várias as perspectivas em que se pode vivenciar o cotidiano nas organizações.

E por meio da administração das indústrias que a integração produtiva leva a um sistema social em trajetória de produção, cujos variados segmentos se vêm determinados ou empenhados a redefinir sua analogia com a atividade produtiva entre Estados, e com o mercado internacional, processo esse que vem gerando no campo empresarial, novas táticas operativas definidas em combinação com o setor produtivo em tamanho e a origem do capital gerado nessa industrialização (Chanlat, 1996).

Na palavra de Chanlat (1996), as organizações fortalecem-se a relação de forças, entre empregador versus empregados, a partir da segunda metade do século XX, com a influência do materialismo dialético de Marx, as organizações começaram a se preocupar mais condições de trabalho de seus funcionários, outorgando-lhes alguns benefícios.

Em Certeau (1994), a visão de organizações industriais leva a oportunidades à expansão dos e negócios industriais, constituindo segundo um conjunto integrado de processos dinâmicos e interativos, que interligam as fases do universo organizacional, para a proteção do processo integrador do domínio industrial, assegurando a lealdade da concorrência do comércio industrial, nasce o Tratado da Propriedade Industrial. Assim, estas diversas inovações no cotidiano dos homens ordinários podem principiar dando ouvidos aos não escutados, trata-se, então, das histórias dos sujeitos e dos grupos, das suas identidades expressas na sequência do tempo.

2.4 As Feiras e o Feirante

As feiras nascem sobre a visão organizacional da melhor percepção de um melhor aproveitamento de ambiente, que permite a introdução de novas atividades que garantam outras fontes de renda para o feirante e, conforme a expansão vai-se agregando valores aos

seus produtos. Segundo Callai (2008), qualquer feira tem seus objetivos, seja esta promovida por empresa profissional ou por iniciativa de uma comunidade, de uma prefeitura ou de uma instituição. Seus promotores normalmente têm, claramente, os objetivos que pretendem atingir, mesmo porque isto é básico.

Nada mais correto, portanto, que seus promotores e organizadores estabeleçam claramente quais são os objetivos a serem perseguidos: promover a comunidade, o município, o Estado. A região, os produtos, as empresas, o turismo, entre outras (Gouvêa, Cabana & Ichikawa, 2018).

Compreende que feiras e exposições são eventos mercadológicos que servem para alavancar vendas das empresas, dos artesãos e dos produtores, divulgar produtos e ampliar mercado para os expositores, entre outras finalidades. Quando se procura tipificar feiras e exposições, encontra-se uma gama variada dessas modalidades de promoção comercial. Muitas feiras e exposições trazem no próprio nome informações que induzem ao erro expositores e visitantes. (SEBRAE/PR, 2009).

Por exemplo: mencionam ser de âmbito nacional quando sequer conseguem atrair visitantes e expositores de Estados vizinhos; informam ser setoriais, e o que se encontra são expositores de vários outros setores ou segmentos. A abrangência geográfica deve-se entender o raio de atração de uma feira ou exposição. Ou seja, até que distância o evento foi planejado para exercer sua atração, tanto de visitantes como de expositores.

Não raro, vamos encontrar feiras de âmbito municipal ou estadual atraindo pessoas de outros Estados, regiões e, até, de outros. Por outro lado, há feiras que se autodenominam de âmbito internacional, mas que não conseguem atrair visitantes e expositores de fora da região onde são realizadas. Uma feira pode servir para apresentar um protótipo, para fazer uma pesquisa de aceitação de um produto, para obter reações quanto aos preços praticados, para selecionar canais de comercialização, contatar distribuidores, representantes, lojistas, conhecer os concorrentes, etc.

Pode-se se dizer que feirante é todo aquele que disponibiliza para comercialização produtos produzidos ou não por ele em um ambiente simples como em barracas e que possui contato direto com clientes, fornecedores e colegas. Existem várias pessoas que iniciam nas feiras como opção de aumentar a sua renda, também tem aquele que acredita que e nesses locais quem vão divulgar as suas habilidades ou simplesmente vender o excesso de produção em suas chácaras.

Para Vedana (2013) ser feirante relacionado diretamente com os laços sociais e econômicos em que ele se relaciona em suas práticas cotidianas durante a semana se preparando até o dia da realização da feira para agregar seu conhecimento como feirante estimulando a prosseguirem nesse trabalho. Na visão de Galeano (1971), o feirante não é apenas um comerciante, feirante é aquele que através de suas práticas cotidianas, geram trocas experiências criando formas de negociação de venda e fidelizando seu cliente, fornecedor. Já para Frantz (2008), essa negociação é única, qual o feirante desenvolve está relacionada à sua identidade do como ele é de como ele comporta e do que se ele se diferencia dos demais, essa intimidade de brincadeira com o outro.

Segundo Gonçalves e Abdala, (2013) a tal malandragem é essencial para negociação trazendo certa proximidade cliente X feirante, uma brincadeira que chama o cliente e assim fidelizando. Já para Vedana (2013) não são todos os feirantes que utilizam dessas jocosidades que a feira tem, mas também tem aquele freguês que não participa dessas brincadeiras.

Essa liberdade de se expressar com o outro acaba engessando este profissional a trabalhar em empresas privadas como empregado gerando um certa rejeição as regras estabelecidas para um maior desenvolvimento da feira.

Neste sentido Sá (2011), compreende que o modo apropriado de ser feirante é a forma como eles administram seus negócios, onde cada qual estão nos setores de diferentes utilitários ou estão situados em regiões específicas, que se espalha por entre estes setores em pólos ou mesmo em barracas isoladas, as quais que servem alimentação tanto aos que trabalham na feira, quanto aos que nela fazem compras. Assim ser feirante e não delimitar o seu modo de trabalhar geograficamente circunscrito. Sendo assim um importante setor, pois como os setores das feiras apresentam diferenças variadas entre si.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo. Denzin e Lincoln (2011) afirmam que nos métodos qualitativos encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos — estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais — que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Para os autores, a pesquisa qualitativa está associada com a criatividade e reflexividade do pesquisador. O conhecimento produzido na pesquisa qualitativa se assemelha com uma *Bricolagem*, ou seja, um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens. A Bricolagem está muito associada com o que Zagzebski (2008) chamou de virtude intelectual. A virtude intelectual está associada com a epistemologia e ao pesquisador. Questões de virtude na pesquisa qualitativa estão associadas com a reflexividade do pesquisador.

Nesse contexto da bricolagem, utilizamos entrevistas semiestruturadas, observações não-participante e análise documental fornecida pelos organizadores da feira. O procedimento da pesquisa semiestruturada contribui com este trabalho, pois, conforme Minayo (2000), esse procedimento busca ter um apoio claro na sequência da investigação. A entrevista semiestruturada facilita a abordagem e dá segurança ao entrevistador, dá amplitude na exposição definida sobre o tema, onde a construção das questões direciona o entrevistado, dando a possibilidade de discorrer sobre a questão, sem se prender na indagação formulada.

Uma breve apresentação de nossos sujeitos² de pesquisa são destacados conforme:

- Feirante (Fe1): Sergio, 63 anos, aposentado militar, ele expõe artesanato em madeira desde 2006.
- Feirante (Fe2): Elizangela, 40 Anos, artesã. Aproximadamente há treze anos que expõe na feirinha trabalhos como: pinturas em tecidos, tapetes de retalhos entres outros trabalhos artesanais. Além de feirante Elizangela é voluntária em uma Igreja da cidade como instrutora de artesanato.
- Feirante (Fe3): Francisco, está há mais de 10 anos expondo seu trabalho na feirinha, além de desenvolver trabalhos em lojas de artesanatos em Foz do Iguaçu.
- Feirante (Fe4): Joaquim, um dos mais antigos expositores da feirinha completando 33 anos como. Ele é um produtor rural, vende frutas e verduras orgânicas.

² Utilizamos nomes fictícios de nossos sujeitos, abreviando-os como Feirante (Fe) e Organizador (Or)

- Feirante (Fe5): Lídia, está há 17 anos de feira, vende seus produtos juntamente com o caseiro de sua pequena propriedade, produtos como: Leite, Queijo, Nata, Salame, mel.
- Feirante (Fe6): Edima, com 14 anos de feira, realizou um sonho em comprar um *Foodtruck* para facilitar sua vida como feirante. Ela começou na feira como ajudante em outra barraca e hoje está com seu próprio ponto com a venda de tapiocas e sucos.
- Feirante (Fe7): Ereni, expõe a 6 anos na feira. Dona de casa, vê a feira como uma oportunidade de ganhar seu dinheiro extra. Produz bonecas de pano e as vende em outras feiras grandes da cidade e região.
- Feirante (Fe8): Pedro, está há quase 13 anos vendendo pasteis e café na feira.
- Organizador (Or1): Ronaldo, é o atual coordenador de feiras e eventos de Fundação cultural, assumiu em setembro de 2018, após seu trabalho na Feira do Livro do mesmo ano. Desde então ele é responsável em ajudar no desenvolvimento da feira, incluído novos projetos para um maior desenvolvimento da Feira das Nações.

Após nossa coleta de dados, transcrevemos as entrevistas. Nossa análise de dados foi por meio de análise de conteúdo temática. Colbari (2014) afirma que a Análise de Conteúdo é uma das mais importantes técnicas de pesquisa. Trata-se também de uma abordagem de análise de dados que facilita a compreensão de textos, imagens e expressões (Colbari, 2014).

Descritos nossos procedimentos metodológicos, procuramos demonstrar nossos resultados da pesquisa próximo capítulo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para nossa análise de dados, fizemos as transcrições integrais das entrevistas, após a aplicação da análise de conteúdo temática, os temas que mais foram evocados, são assim descritos: (I) Identidade e Trabalho na feira; (II) O trabalho como ‘exposição’ da identidade do feirante; (III) O trabalho como tática cotidiana do feirante.

4.1 Identidade e trabalho na Feira

Nosso primeiro campo temático encontrado durante nossas pesquisas foi à compreensão da identidade dos sujeitos e a arte de fazer na feira, resumidamente, seu trabalho na feira. Assim conforme menciona Vedana (2013) fazer a feira é também “fazer” o feirante à medida que se escuta as interpretações sobre como aprendem e ensinam a relação das quais esses sujeitos estabelecem com o outro.

Para nós, a feira teve uma aproximação direta com a identidade dos feirantes. Da mesma forma como apresentam Cabana e Ichikawa (2017), existem um entrelaçamento entre identidade e cotidiano. Esse entrelaçamento atua na medida em que a vida cotidiana reflete a raiz da existência do sujeito, dessa maneira, é no cotidiano que a identidade é manifestada e renovada.

Trabalho desde o início desde quando era em frente à Fundação Cultural que depois com tempo passou para, aqui para JK.(Fe1).

já frequentava a feira desde de quando começou, isso já faz uns treze anos. (Fe2).
Ai uma amiga, vai lá que de repente você pode vender lá. Ai eu fui, conversei se podia ir lá e depois acho que um tempo depois que a gente desceu pra cá, Foi por necessidade mesmo (Fe2).

Nesse diálogo dos entrevistados, me permiti ressaltar que todo trabalho tem seu início, mas sempre vem a expectativa para evolução de acordo com Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018), os trabalhos organizacionais não podem parar na visão do passado, deve ser projetado em conjunto, do passado com o presente, pois a memória da história abre possibilidades para se tratar de história da organização, mas das histórias no plural, visto que são várias as perspectivas em que se pode vivenciar o cotidiano nas organizações.

Nossa identidade continua a ser a mesma, sobre o impulso de trabalhar e procurar motivos para viver melhor, como define a voz da entrevista.

Com o crescimento da feira, as pessoas da cidade foram tomando conhecimento e aquelas que tem algum dom de fazer alguma coisa, algum artesanato se interessam, e nossa feira hoje está uma feira concreta, bastante estabilizada, grande, e de grande movimento (Fe1).

Sim. Atualmente está bem melhor, porque a diversificação de produtos esta bem maior, o movimento é bem maior, a gente passa uma manhã super agradável de domingo(Fe1).

Administração, antes não tinha administração. Não tinha quem cuidava quem administrava quem dava as regras, ordens. Agora tem regras ordens, e está tudo no papel tá bonitinho(Fe3).

Em Certeau (1994), a visão de organizações industriais leva as oportunidades à expansão dos e negócios industriais, constituindo segundo um conjunto integrado de processos dinâmicos e interativos, que interligam as fases do universo organizacional, para a proteção do processo integrador do domínio industrial, assegurando a lealdade da concorrência do comércio industrial, nasce o Tratado da Propriedade Industrial.

Para Vedana (2013), todos esses saberes e experiências que conformam o trabalhador feirante, um deles é visto como fundamental por todos os interlocutores com a capacidade de interação com o outro e o jogo social como fregueses e mesmo outros feirantes, a maestria de instaurar a veracidade dos fatos e consolidar vínculos com fregueses. Nesta perspectiva, todos têm como propósito, desempenhar um trabalho que lhes dê prazer de viver, adotados pelas atribuições que ocorram no cotidiano de cada um, como as novas amizades, pois ser idoso para eles e somente envelhecer e não deixar de trabalhar e na feira é um refúgio para a mente.

4.2 Trabalho como Exposição da Identidade do Feirante

Esse segundo campo temático encontradas é a noção de identidade atribuída ao sentido do trabalho, conforme diz Freint (1998), com o trabalho que o homem tenta satisfazer suas necessidades, o homem produz os meios dessa satisfação, e com isso transforma o mundo natural e a si mesmo, pois por meio do trabalho instaura relações sociais, cria modelos de comportamento, instituições e saberes.

Como aponta Cabana e Ichikawa (2017), a identidade é dependente da diferença, e ambas, tanto a identidade quanto a diferença, são estruturas narrativas e discursivas, são sociais e culturais e não naturais, esta seja talvez a parte mais importante a ser debatida, porque podemos discutir e questionar as identidades já que são narrativas e discursos que podem ser transformados.

Assim observarmos o que fala sobre identidade os feirantes deste estudo.

Há dez anos a gente foi convidado para expor na feira, eu sempre tinha um sonho, vender artesanato na rua uma coisa assim onde passa o turista, porque eu desde de garoto vendo artesanato eu vendia na antiga rodoviária, (Fe3).

Por várias vezes ela teve com bastante feirantes e de repente tinha pouco, teve época de só trabalhar 2 ou três feirantes, e depois houve essa ideia de unir o artesanato, (Fe4).

Bom eu criei todos os meus filhos fazendo artesanato para expor na feira, minha vida inteira fazendo artesanato para ajudar na despesa de casa pra ajudar o marido, ai meu marido se aposentou e ai resolvi montar a feira todo domingo (Fe7).

Assim Cabana e Ichikawa (2017), afirmam que os tempos atuais têm mostrado de forma evidente que a identidade vai muito além de uma identidade central e duradoura, pois as estruturas que lhe davam suporte estão caindo, como é o caso das identidades nacionais, restando o caráter indeterminado, instável, contraditório e inconcluso das identidades.

Nesse mesmo ponto de vista dos estudiosos, sobre identidade do feirante, asseguram que permanece uma atribuição essencial ou um caráter central no indivíduo que expõe sua identidade.

A prática social do trabalho para Oliveira e Silveira (2012), em consequência, da gestão são determinados pela evolução do mundo dos afazeres. Portanto, o comando do trabalho é determinada pela concretude histórica da produção material da existência humana e pelo objeto específico da prática social do ser humano. Assim também no meu pensar, todo feirante faz sua exposição de modo a vincular algum atributos, como: se divertir, ganhar dinheiro, realizar sonhos com a parte financeira, como também fazer amizades. Assim ser feirante é trabalhar, mas também ter expectativa de vida.

4.3 Trabalho como Tática Cotidiana do Feirante

Esse terceiro campo temático das narrativas apresentadas pelos sujeitos, nos identificam como uma relação de poder presente no cotidiano. Como já observava Certeau (1994), o cotidiano pressiona e oprime o sujeito. O que Certeau (1994) observa é o cotidiano no homem ordinário, aquele que é importante no contexto da micro história e tem sido marginalizado. Certeau (1994) não acredita na total passividade do sujeito nessas condições do cotidiano, mas na existência de um espaço de transgressão (Cabana & Ichikawa, 2017).

As autoras citadas concordam ao relatar que o cotidiano é dado pela arte de fazer, situado nas práticas que o sujeito comum realiza, essas práticas nos limites da conveniência e das possibilidades do sujeito lhe permitem driblar a ordem estabelecida.

Assim, Coimbra, Pacheco e Saraiva (2014), afirmam que a realidade cotidiana é fortemente influenciada por padrões que pertencem a um sistema institucional no qual os indivíduos são movidos por valores, sejam eles de aporte cognitivo ou mesmo influenciados pelo contexto social.

No contexto de trabalho como tática cotidiana, encontramos revelações da arte de exposição na feira como uma tática para o próprio cotidiano desses sujeitos, que revelam:

O dia da feira é uma manhã maravilhosa, a gente conversa muita coisa, conhece pessoas, Às vezes tem pedido extra, e se a pessoa tem um local que cabe determinada caixinha determinado tamanho ai me proponho a fazer, se tiver no meu alcance eu faço e fora conversa com os colegas de um lado e do outro dia a gente toma café e joga conversa fora. (Fe1).

Esse relato do feirante 1 remete ao sentido do trabalho como uma tática para o próprio cotidiano, à medida que a conversa, as relações sociais constroem elementos importantes para o seu trabalho como expositor. Vedana (2013) confirma essa revelação do feirante com o cotidiano de ser feirante: o cotidiano está relacionado diretamente com os laços sociais e econômicos em que ele se atribui em suas práticas cotidianas durante a semana se

preparando até o dia da realização da feira para agregar seu conhecimento como feirante estimulando a prosseguirem nesse trabalho.

O ato de se preparar durante a semana até o grande ato da feira (grifos nossos) também é confirmado como uma tática cotidiana:

Durante a semana e vou produzir as minha peças, eu faço o pano de prato, vou lá e pinto, tenho de fazer o crochê, pinto tudo a mão, é puxa saco, depende da peça, então durante a semana tenho que estar em função disso na produção das peças, pra ai vir depois no domingo(Fe2).

Essa dinâmica do que afirmamos no ato de expor na feira como uma tática para o próprio cotidiano nos parece similar entre os expositores feirantes mais velhos ou que já possuem uma renda alternativa a proporcionada na feira:

Trabalho quando eu quero, porque para mim é um lazer não é um ganha dinheiro, viver, exclusivamente da feira. (Fe1).

Foi uma filha minha que me incentivou e daí ela falou: Mãe será que você não vai conseguir ir na feira do produtor? Por que é tão bonito lá, é tão gostoso, e eu tô aqui até hoje, eu gostei e tô aqui (risos). (Fe5).

Ah eu gosto porque é uma terapia pra mim (risos) e outra coisa é também um pouco a necessidade, mas é mais é terapia, é única fonte de renda. (Fe5).

A exposição na feira é uma terapia para alguns dos expositores. O frequente cotidiano encontrado entre idosos (incluindo o aposentado), é um cotidiano de muitas representações no sentido do trabalho. Esses já são, quase num contexto automático de exclusão do trabalho, por conseguinte a feira é como menciona Souza e Silva (2009) o feirante, hoje, não é apenas oriundo do campo, são, também, profissionais qualificados que vislumbram na feira uma oportunidade de sobrevivência, uma vez que estão excluídos do mercado de trabalho formal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo vimos que ser feirante não é apenas ser comerciante, feirante é aquele que através de suas táticas cotidianas são capazes de gerar e trocar experiências por meio de sua história. Essas narrativas dos feirantes geram uma forma particular de negociar com seus clientes e fornecedores é como Vedana (2013) chamou de jocosidades. Esse ator feirante não deixa de ser um negociante de seus próprios produtos. Começamos essa pesquisa por indagar o que seria, então o feirante – aquele que não é funcionário, mas que também não é empresário. Diante de uma integração comercial, notamos que está para além das práticas convencionais da gestão, trata-se do desenvolvimento de práticas cotidianas do sentido do trabalho. A interação com colegas feirantes, a animação de estar ali sendo “útil” a sociedade ao lado da união com os colegas feirantes, trazem descontração para a vida cotidiana.

Para muitos feirantes, esse trabalho se interliga com necessidade de estar ali interagindo com o povo, que traz alegria, movimento corporal, notícias de outros lugares e, tudo que relaciona à sua identidade do como ele é, essa prática trás solicitude no prazer de estar ali compartilhando suas histórias e memórias.

Cada expositor tem tarefas árduas durante a semana, onde: um planta e depois tem que colher, outro recorta, outro amassa argila para confecção de seus artesanatos, outras costumam, outras tricotam, outras cozinham suas bolachas, enfim são práticas e táticas que

levam o expositor ter animação para chagarem no domingo, dia da exposição, estarem cheios de virtudes para venderem seus produtos.

Apresentamos que são variadas as táticas dos expositores das feiras da JK, como também não são fáceis, mas todos dizem que no final da exposição, todos estão felizes, porque de uma forma ou de outra, há recompensa. Ao descrever a motivação da alternativa de trabalho do expositor em uma feira livre da JK. Esta descrição tem uma motivação simples, “a interação com o mundo que os rodeia”, saindo de casa para ver o outro lado da vida, que é amizade conquistada no cotidiano do trabalho na feira. Esta motivação para muitos também vem da necessidade financeira, a motivação para outros está nas amizades e relações sociais. Nossa pesquisa mostrou que a maioria tem outras fontes de renda, mas gostam de estarem junto aos velhos e bons amigos, conversando, rindo, tocando, cantando, jogando truco e outros. Assim como para outros a maior motivação é a de não parar de trabalhar, tendo o prazer de trabalhar, a motivação de ver a cidade cheia de turistas, isto motiva-os para estarem ali expondo seus produtos.

Acreditamos, assim que esses expositores da feirinha, têm muito a ensinar, pela sua idade, pela sua prática cotidiana, pela suas experiências e conquistas ao longo da história da feira, mas também vimos que são pessoas que estão ali para aprender, por meio da interação ao mundo que os rodeia, numa sincronia com a disposição da saúde e da vida que tem. Observamos que a faixa etária dos feirantes é de 40 a 80 anos e o nível de escolaridade que varia de 4º ano até primeiro ano do fundamental, não intimida para ficarem fora do comércio ou do mundo moderno que cada vez mais expande-se com novas tecnologias. Sua resistência se mantém na interação e na continuidade do trabalho, acreditam estar em atividade com as necessidades impostas da modernidade.

Esses feirantes exercem uma vida dupla (moderna e tradicional), qual pode ser observada ao longo dos dados que apresentamos neste trabalho, pois os feirantes têm vida moderna quando estão no cotidiano da feira, trabalhando, vendendo suas peças artesanais, conversando e interagindo de uma forma geral, com clientes e os colegas feirantes, pois a feira é observada como um tipo de mercado periférico inerente ao capitalismo contemporâneo por uma série de aspectos constitutivos de ambos os feirantes. E a vida tradicional quando estão em casa, com a família, construindo peças artesanais para expor na feira. Assim a vida tradicional e o cotidiano familiar que levam a interagirem com os mesmos, buscando novas ideias para as melhorias dos produtos. Neste contexto analisamos a importância de compreender o cotidiano dos expositores da feira da JK, sendo indivíduos que apresentam práticas tradicionais e modernas.

Ser feirante, como relatamos, para muitos é alegria, é vida, mas para outros é a única renda que leva para o sustento de casa. Dessa maneira, esse contexto do trabalho também surge por meio da necessidade de um segundo emprego ou atividade econômica ou ainda como uma única atividade.

Deste modo, encontramos que muitos trabalham para seu sustento e, aqui no caso da feira da JK, mesmo encontrando pessoas já com idade avançada, estão na resistência de seu cotidiano por meio dos desdobramentos dos sentidos do trabalho. Visto que muitos desses feirantes aprenderam a exercer as atividades da feira, ao longo de suas experiências. Nessa proporção de diálogo, ressaltamos que a origem familiar ajuda a explicar que, em sua maioria, os feirantes estão estimulados por seus familiares a trabalharem na feira. Dessas narrativas, muitos destes feirantes viram o nascer e o organizar da feira da JK. Foi por meio dessa história que a feira da JK aconteceu e continua contando e expondo as identidades desses homens ordinários.

Aproveitamos nossas considerações sobre a pesquisa para, ainda indagar, como uma feira contribui para a identidade dos expositores da feira da JK? A feira livre da cidade

vincula às famílias que necessitam de contribuição financeira, as pessoas que querem se divertir, pessoas que e são ali pelo puro prazer de estar com os amigos de longas datas, e ou simplesmente para ver o movimento de pessoas.

A maior contribuição para a cidade de ter uma feira livre são as concepções de trabalho, que resultam de um processo de criação histórica, no qual o desenvolvimento e a propagação de cada uma, são concomitantes à evolução dos modos e relações de produção, da organização da sociedade como um todo e das formas de conhecimento humano, onde a integração de várias idades reúne no mesmo espaço para dar continuidade a expansão da cidade. Assim compreender como as práticas e táticas cotidianas são desenhadas pelos os expositores da feira livre da JK, é uma forma de compreender uma parte da história da cidade.

Finalmente desvelamos como as práticas e táticas cotidianas se alteram no trabalho do expositor em uma feira livre. Essas práticas e táticas se alteram ao longo das adversidades do cotidiano na produção de sentido do trabalho e da identidade.

Nossa pesquisa, assim, tratou de uma forma de construção das estruturas existentes do trabalho e do cotidiano dos feirantes, acreditamos que essa pesquisa incentiva o estudo sobre o tema, para pesquisas futuras, no contexto de avaliar o sentido do trabalho e as estratégias como uma prática social, em um contraponto a visão hegemônica da estratégia quanto *management*. Assim concluímos que, o trabalho não se encerra aqui, mas sugerimos que outras pesquisas possam aprofundar o tema na Administração e nos Estudos das Organizações.

REFERÊNCIAS

- Aranha, M. L. A. (1989). *Filosofia da educação*. Moderna.
- Bessa, D. D. (2016). *Homem, Pensamento e Cultura: Abordagem filosófica e antropológica*.
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As Histórias E O Cotidiano Das Organizações: Uma Possibilidade De Dar Voz Àqueles Que O Discurso Hegemônico Cala. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347.
- Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2017). As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. *Organizações & Sociedade*, 24(81).
- Callai, J. L. (2008). *Fecotriço: um trabalho de união*. Porto Alegre-RS: SESCOOP.
- Carrieri, A. D. P., Paes de Paula, A. P., & Davel, E. (2008). Identidade nas organizações: múltipla? Fluida? Autônoma? *Organizações & Sociedade*, 15(45), 127-144.
- Barbosa de Oliveira, I., & Sgarbi, P. (2007). A invenção cotidiana da pesquisa e de seus métodos. *Educação & Sociedade*, 28(98).
- Certeau, M. D. (1994). *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Certeau, M. D. (1996). *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer.
- Coimbra, K. E. R., Pacheco, W. M., & Saraiva, L. A. S. (2014). Além de estereótipos profissionais: o cotidiano de trabalhadores de sex shops. *Gestão & Regionalidade*, 30(90).
- Chanlat, J. F. (1996). Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: Chanlat, J. F. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*, 1, 21-45.

- Colbari, A. (2014) A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In: Souza, E. M. De. (Org.). *Metodologia e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, p. 241-272.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2011). *The Sage handbook of qualitative research*. Sage.
- Frantz, Walter (2008). *Participação e democracia em organizações cooperativistas*. Fundamentos das novas relações sociais. São Leopoldo: Unisinos,
- Freinet, C., & Pereira, M. E. G. (1998). *A educação do trabalho*. Martins Fontes.
- Galeano, E. (1971). *Las venas abiertas de América Latina*. The open veins of Latin America. Mexico, DF: Siglo XXI.
- Gerencer, P. & Gerencer R. (1984). *Educação para o Trabalho*. 3. Ed. São Paulo: Editora Atlas.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tupy Kurumin.
- Lafer, C. (1997). A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos avançados*, 11(30), 55-65.
- Lima, L. (2002). Modelos Organizacionais de Escola: Perspectivas analíticas, teorias administrativas e o estudo da ação. In: Machado, L.M.; Ferreira N.S.C. *Política e gestão da educação: dois olhares*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Locatelli, P. A. P. C., de Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2014). A construção do sentido de envelhecimento para os assistentes sociais: uma abordagem contextualista das emoções a partir do cotidiano de trabalho. *Ciencias da Administração*, 16(38), 77-92.
- Minayo, M. C. (2000). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. de Souza-Minayo MC, compilador. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 23, 9-29.
- Garcia Neira, M., & Gonçalves Lippi, B. (2012). Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, 37(2).
- Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix Jr, M. S., da Silva, F. A., & de Andrade, R. O. B. (2018). Sentido e significado do trabalho: Uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE. BR*, 16(2), 318-330.
- Oliveira, M. do C. L. & Silveira, S. B. (2012) *Linguística Aplicada das Profissões. V.16 nº 1* – 2012.
- Oliveira, N. (2012) *Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade*. Ed. Epigrafe, Foz do Iguaçu.
- Gonçalves, A. O., & Abdala, M. C. (2013). “Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso”: Pessoalidade E Sociabilidade Na Feira-Livre. Ponto Urbe. *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (12).
- Pettigrew, A. M. (1996). *A cultura das organizações é administrável*. Cultura e poder nas organizações. São Paulo: Atlas, 145-153.
- Sá, M. (2011). *Feirantes: quem são e como administram seus negócios*. Editora Universitária UFPE.
- Souza, E. S., & da Silva, P. (2009). Perfil socioeducacional e identidade do feirante de Itabaiana-SE. *Psicologia em foco*, 2(1).

Vedana, V. (2013). Fazer a feira e ser feirante. a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológicos*, (39), 41-68.

Zagzebski, L. (2008). O que é conhecimento. GRECO, John e SOSA, Ernest (1999). *Compêndio de Epistemologia*. Trad. Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 153-189.